

L. Braga - C. 121



ALMA PATRIA

Numero Unico

Consagrado pela Academia do
Lyceu Nacional Central de Braga

CAOS
HEROES DE 1640

Braga 1.º de Dezembro de 1897



Typ. de J. M. de Souza Cruz
RBAGA



ALMA PATRIA

Numero Único

Consagrado pela Academia do
Lyceu Nacional Central de Braga

(AOS)

HEROES DE 1640

Braga 1.º de Dezembro de 1897



Typ. de J. M. de Souza Cruz
RBAGA



ALMA PATRIA

*Numero unico consagrado aos heroes de 1640 pela Academia do Lyceu
Nacional e Central de Braga no 1.º de Dezembro de 1897*

RESTAURAÇÃO AUTONOMICA

« claro o vencimento,
. E
. n'um momento»

CAMÕES—C. III, E. 33—*Lusiadas*.



MEMORAR e festejar datas gloriosas — indicadoras de feitos heroicos em pró das liberdades patrias — é dever e obrigação de cidadãos condignos d'este nome dulcissimo, equiparavel ás expressões effectuosas da mãe fagueira, ao acariciar com beijos frementes os labios infantis dos filhos amados.

Assim hoje por isso os escolares do Lyceu Central Bracarense — imitando galhardos os escolares d'outr'ora n'esta capital do Minho, ao solemnizar patrioticamente a restauração autonómica de 1640, quasi concomitantemente com a

quebra heroica das gargalheiras da oppressão dos reis Philippes em Lisboa — memoram e festejam agora entusiasticamente a data patria d'esse arrojado assombroso d'então — sem vislumbres d'offensa nem affronta á nossa vizinha Hespanha, que tem connosco em Portugal um rico solo co-irmão, e co-irmão o firmamento esplendoroso, que donosamente acoberta as duas nações peninsulares — gemeas nas venturas e nas desditas, nas glorias e nos infortunios.

«No mar, tanta tormenta e tanto damno!
Tantas vezes a morte apercebida!...
Na terra, tanta guerra, tanto engano!
Tanta necessidade aborrecida!...»

CAMÕES — C. X, E. 106 — *Lusiadas*.

Braga, 1897.

O DECANO DO LYCEU, PEREIRA CALDAS.

ESTRELLA-D'ALVA

ROMPE a aurora, rompe a aurora,
Em que a Patria será salva...
A alma da Patria não chora...
Já contempla o azul e adora
A estrella-d'alva!

Olhae! Já rompe a alvorada
Que em seu esplendor resalva
O brilho da Patria amada!...
Olhae-a além aureolada,
A estrella-d'alva!

Longe as nuvens, longe o vento...
De alecrim, de myrto e malva
Perfume-se o aposento...
P'ra visitar ao relento
A estrella-d'alva!

A Patria já sahe do abysmo
Como o marisco da valva!...
E com doce magnetismo
Brilha sobre o cataclysmo
A estrella-d'alva!

Vamos dar-lhe as bôas-vindas
Que o horisonte já se dealba...
Êrgam-se canções infindas...
Vinde vêr, ó virgens lindas,
A estrella-d'alva!

Vamos todos á porfia...
Vem tambem ó fronte calva!
Oh! já canta a cotovia...
Saudemos com alegria
A estrella-d'alva!

Rompe a aurora, rompe a aurora,
Em que a Patria será salva...
A alma da Patria não chora...
Já contempla o azul e adora
A estrella-d'alva!

GONÇALVES CEREJEIRA.

Viva Portugal!



EMIR do ominoso jugo estrangeiro um povo que durante 60 annos se conservou captivo; restitui-o á liberdade que conquistára dando ao mundo exemplos de heroicidade incrível; manter finalmente a glorificação dos seus feitos, era a aspiração constante dos portuguezes, que alfim tudo conseguiram no esplendoroso sabbado 1.º de dezembro de 1640, uma das datas mais brilhantes da nossa historia, tantas vezes relembada como homenagem prestada ao bando de conjurados que n'esse dia felicissimo proclamára Rei de Portugal, com o nome de João IV, o oitavo Duque de Bragança.

Commemorar, pois, o 1.º de dezembro de 1640, é um dever de todos os filhos d'este *jardim da Europa*, dever que sobremodo os honra principalmente porque procuram com a invocação do passado, minorar tantos males que ora nos affligem.

E' devéras consolador vêr, ao cabo de 257 annos, a juventude académica bracarense testemunhar mais uma vez o seu amor á causa da independencia nacional, sem o minimo resentimento contra a visinha Hespanha que, desde pouco depois da morte do *Restaurador*, nos dispensa uma amizade nunca desmentida, nem mesmo posteriormente ao anno de 1875 em que a patriótica Commisão Central de Lisboa inaugurára alli um monumento commemorativo, da restauração, cuja pedra fundamental foi abençoada pelo virtuoso Arcebispo de Mytilene o

Ex.^{mo} Rev.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, que actualmente preside aos destinos da Archidiocese de Braga.

*

Diz-se geralmente que foram *quarenta fidalgos* os corajosos que se propozeram restaurar a nossa nacionalidade. E' porém certo que a essa tradição se oppõe uma relação impressa no anno immediato pelo seu auctor o padre Nicolau da Maia, ¹ em que se mostra ser maior, bastante maior, o numero d'esses conjurados.

Eu creio bem que cada portuguez de então era um valente conspirador, ao menos no desejo de readquirir a independencia perdida. Por isso não se limitem as nossas entusiasticas saudações aos *quarenta fidalgos* que a tradição apresenta como unicos heroes do glorioso feito. Saudemos hoje e sempre todos os que, esperavam anciosos o raiar d'essa aurora de liberdade que não obstante o perpassar de seculos, continúa a diffundir seus raios brilhantes e beneficos.

Viva a independencia nacional!
Salvé os heroes de 1640!

ALBANO BELLINO.

¹ Outros a attribuem ao seu contemporaneo e collega Manoel de Galhegos.



RECORDAÇÃO E CONSELHO

LANÇANDO uma vista d'olhos pelo vasto campo da politica e da diplomacia, damos de frente com nomes illustres de diplomatas e politicos distinctos.

Lembra-me de ter lido, em algures, um tudo-nada ácerca d'um heroe d'essa pleiade, e que se chamou Disraeli, mui conhecido nos ultimos tempos, pela acção preponderante que exerceu na politica ingleza e europeia. De origem hebraica, sem fortuna nem posição, nem mesmo qualquer curso das escolas universitarias, Disraeli tinha apenas, como saldo favoravel, a pujança da sua intelligencia e a força da sua vontade.

Mas tanto fez, que muito fez: conseguiu um logar na Camara dos communs. O seu primeiro discurso foi alvo de picantes ironias e acerbos risadas; porém Disraeli não perdeu a serenidade do seu espirito, e respondeu:

«Tenho conseguido, até hoje, levar ávante todos os meus intentos. Forçaes-me a sentar-me, mas dia virá em que eu vos obrigarei a ouvir-me».

E tal aconteceu.

Jovens queridos: mais tendes, e não pouco a vosso favor; trabalhae tambem, estudae os heroes de 1640, segui-lhes as pisadas, e, assim, dia virá em que obrigareis as intelligencias a escutar-vos, e os corações a seguir-vos.

Braga = 'xxvi — xi — xcvi.

P.^e ROBERTO MACIEL.



P'RA QUÊ ?

P'RA quê? De que serviu essa conspiração?
 Salvar n'um nobre esforço a vida da nação,
 insuflar-lhe vigor,
 novamente hastear o seu pendão ao vento,
 para a deixar morrer sem um lamento,
 ás garras d'um traidor?

Ir ao throno dos reis e achando-o conspurcado,
 tirar Fillipe o tigre, e pôr João o cevado,
 ambos maus, ambos vis e cheios de abjecção,
 torpes ambos, irmãos um do outro na fereza,
 p'ra ao cabo de duzentos annos de realenza
 Portugal expirar á fome, como um cão?

E comtudo, meu Deus, a pagina é brilhante!
 Bate-lhe em cheio a luz da gloria, e, coruscante,
 eil-a ainda a brilhar!
 Façamos festas pois, festas de luto e magua.
 Vistamo-nos de preto, e os olhos rasos d'agua
 deixemol-os chorar?

Lembremos o que foi o Portugal heroico . .
 Choremos o que elle é, ainda nobre e estoico
 a subir o Calvario, os olhos já sem luz!
 Já a esponja de fel os labios lhe envenena.
 E a Mocidade vae, celestes Magdalena,
 chorar aos pés da cruz!

Porto — 27 — 11 — 97.

CAMPOS MONTEIRO.



TREGUAS

.....
 No hay recebido
 hayer carta tua amôr
 mio.

CARMEND.

EXTRANHASTE?... Eu bem sei;
 Bem me quizera parecer.
 Se eu nunca me demorei...
 Que havias tu de dizer?!...

Julgaste isso um tanto mal!
 Carmencita tem paciencia;
 E' que hontem em Portugal
 Festejou-se a Independencia.

BAPTISTA RIBEIRO.



DESDE longos annos já que a Academia Bracarense tóma a peito commemorar condignamente o anniversario do glorioso dia Primeiro de Dezembro de 1640, solemnizando-o e assignalando-o como um dos mais notaveis e extraordinarios, se não o que mais o é, da historia do nosso paiz, que n'ella forneceu documento incontrastavel ao mundo, com este assombrado, de que sessenta annos do mais omínozo captiveiro não haviam sido bastantes para n'elle apagar o amor que sempre votou á liberdade, como tantas vezes o há testemunhado, e para lhe sopear os assomos e anceios d'independencia, que explodindo fervidos e quentes em uma manhã d'inverno, em poucas horas levantaram um povo inteiro, em invencivel sacodimento da inacção á vida, da escravidão á liberdade.

Ainda bem que a actual Academia Bracarense um novo elo accrescenta, com os festejos do dia d'hoje, á cadeia tão brilhante de suas tradições!...

Barcellos 26 de novembro de 1897.

RODRIGO VELLOSO



A ALMA PORTUGUEZA

Nós somos hoje um povo decadente,
De ha muito abandonadô já da sorte;
Um povo, que n'outr'ora foi valente,

Tão heroico e temido, audaz e forte,
Que to:nou respeitado além dos mares
O nome portuguez até á morte.

Nós fomos aos brazilicos palmares
Levantar lá nas selvas e sertões
A cruz da Redempção sobre os altares.

E pulsavam no peito os corações
Dos nobres e valentes portuguezes,
De gloriosa fama entre as nações.

Mas vieram por fim átros revezes,
Que o antigo domínio restringiram
—As terras dos Cabraes e dos Menezes

E, quando enfraquecidos já nos viram,
As nações, que n'outr'ora nos temeram,
Com labeus e insultos nos feriram.

E, como arrebatat-nos pretenderam
O que nos resta ainda n'além-mar,
Em revóltas ali nos envolveram.

Decadentes embora, p'ra lutar
Pelo solo da patria estremecida,
Sentimos o valor ressuscitar.

No Negro Continente resurgida
Ficou a nossa fama, de surpresa,
Ao levar o gentio de vencida...

E' que inda existe a alma portugueza.

Braga, 30 de Novembro de 1897.

AZEVEDO COUFINHO.



A PATRIA

Esta é a ditosa Patria minha amada...

NUÉM me dêra possuir n'este momento a lyra de Camões, a penna de João de Barros ou a lingua de Vieira para cantar as grandezas da minha Patria e dizer ás nações que, allivas nos despresam, que a nossa altiva e herculea grandeza ainda não está de todo extincta.

Abaixo do sentimento religioso não ha outro sentimento mais nobre e que melhor falle ao coração humano que o sentimento do amor da Patria; e ai d'aquelle povo em que elle deixe de pulsar valente e generoso!

Pois, como não havemos nós de amar a Patria, se, amando-a, nós amamos os nossos companheiros de infancia, os logares que nos viram nascer, o negro campanario da nossa igreja!...

Como não havemos nós de amar a Patria, se, amando-a, nós amamos os campos e as fontes, as veigas e os montes da nossa aldeia!...

Como não havemos nós de amar a Patria, se, amando-a, nós amamos os passarinhos da nossa granja, os velinhos que nos punham as mãos nas faces rosadas, as flôres do nosso jardim!...

As quinas que já tremulavam em toda a vastidão dos dois hemispherios levando o progresso, a civilização e a cruz ás mais remotas paragens do universo são-nos tão caras! A santa e gloriosa bandeira da Patria é-nos tão sagrada! que deixar passar despercebido o dia d'hoje era um crime.

Bem haja, pois, a briosa mocidade das escolas, que em amor patrio tanto se tem distinguido, e que em sentimentos de generosidade e grandeza d'alma não tem quem n'a exceda.

P.^e OLIVEIRA.



Porêm Deus dispõe



EM a nossa península a feição de uma praça de guerra, cujos baluartes e cortinas molham enormes fossos marinhos, com uma ponte levadiça sobre o estreito e apoiada ao norte na escarpa do Pyreneu, de onde atalaia a Europa. A outros parecerá antes, uma fragata-escola de marinha baloiçando-se entre duas aguas, acostada ao caes da cordilheira pyrenaica. O que a todos quantos enamora a esthetica das cousas grandes pareceria suberbo é que tivesse um só porão a barcaça, um só alcaide o castello. E isso *poseram* já os homens de outras edades; parece porém que Deus *dispõe*, visto como tão pouco durou e tão miseravelmente fallhou o ensaio.

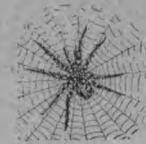
A *unidade* romana desconjuntou-se, como os muros de Jerichó, á simples passagem das hordas barbaras; a gotica pereceu de um só golpe em Guadelete; a phillipina voou em estilhaços com a explosão de 1640.

Se á morte do rei D. Fernando voltara á seductora unidade politica a península iberica, é muito duvidoso que o Colombo e o Gama se encontrassem no Oriente, tendo cingido com seus braços o mundo; porque sem o *mestre* d'Aviz, nada de Infante Dom Henrique; se no principio d'este seculo fôra *unico* alcaide deste castello o rei de Hespanha (Carlos ou Fernando) quem daria caça ao abutre napoleonico?...

Nada de utopias. Deus quer isto assim: que a velha não de Hespanha tenha o porão em compartimentos estanques, para que não aconteça mais ser alagada, como o foi pelo norte no seculo v, pelo sul no viii.

Sempre o que Deus faz é bem feito: bemdito seja Elle.

M. CAPELLA.



Ao 1.º de Dezembro

1640

ERA a noite horrorosa; era a agonia
Da morte mais cruel, que torturava
O nobre Portugal. A patria escrava
Em vão nos ferros seus, triste, gemia.

Mas eis que alvorece alfim o dia,
Que o destino em seus annaes marcava
Da liberdade ao renascer. Findava
Sévo imperio d'estranha tyrannia.

Tambem hoje o nosso nome, oh lusos,
Rebaixar querem esteros cultores,
Acoimando de usos os abusos.

Surgí, portanto, heroes batalhadores;
E mostrae tambem hoje a taes intrusos,
Da Lysia os filhos sempre vencedores.

Goães, Penella—25—11—97.

MANOEL ANTONIO DA CUNHA.



COMMEMORAR uma data gloriosa, sublimar os feitos bellicos dos nossos antepassados, é dos portuguezes um dever sacrosanto.

1640, data gloriosa e bella, data aurifulgente de honra e gloria, em que um punhado de bravos portuguezes reagiu contra o governo nefando dos reis Philippes de Castella.

Portugal, outr'ora engrandecido pelos genios inegualaveis de João Pinto Ribeiro, Pedro de Mendonça e outros; honrado e respeitado pelas nações europeias; hoje jaz abatido e quasi que escarnecido...

Que mudança! Que transformação!

A que será devido?

E' que, em 1640, o lemma de todos os espiritos cultos era a defeza da Patria, era a defeza do principio fundamental de todas as coisas—a Religião! E hoje que vemos? A descrença, a degenerencia das raças, o entorpecimento dos espiritos, para tudo que é bello, magestoso e santo, o meio dissolvente da sociedade que tudo annihilará, a renegação e o bem proprio.

DUARTE AGUIAR.



PATRIA DESDITOSA!

À

BRIOSIA ACADEMIA DE BRAGA

EM 1640, Portugal, este nosso torrão tão amado, reconquistou a sua — Independencia — a Independencia Nacional...

— Em 1897 o mesmo Portugal parece querer perdê-la, e deixar-se dominar pelo estrangeiro! Devemos lembrar hoje os feitos gloriosos do Montijo, Montes Claros e Linhas d'Elvas? Ou dever-nos-hemos calar por estarmos d'aquí a pouco — TANTALISADOS — como diz o nosso grande orador Alves Mendes — *dentro da Patria e sem Patria* — Nada mais triste nem mais tremendo!...

Guimarães, 1 de dezembro de 1897.

A. INFANTE.



PATRIA...

VIVENDO sempre n'um paiz distante...
De auroras cheio e raios de luar...
Sem que as paixões me venham despertar
D'entre as delicias d'um sonhar constante...

E' com profundo tedio, indefinivel,
Que assisto ás vezes ao cantar de glorias...
Quando essas mesmas sejam por victorias,
De povos contra povos... — lucta horrivel!...

Patria ha só uma, como um só tambem
O rei que nos governa... — esse opulento
E nobre Creador da Humanidade!

O sermos pois irmãos d'aquí provém
— Irmãos na vida, irmãos no nascimento,
Irmãos perante a propria Eternidade!...

Vianna, 25 — XI — 1897.

ALEXANDRE COSTA.





ão seria de todo falho de interesse fazer o estudo psychologico do curioso estado d'alma que determina a manifestação de cujo programma este jornal é um numero.

A depressão nervosa e cerebral que produziu, em exteriorisações heteroclitas e poteiformes a decadencia rapida da patria portugueza, teve, logicamente, uma repercussão definida nos nossos sentimentos patrios. Pelo abatimento dos espiritos, perdidas as mais elementares noções de brio nacional, é quotidiano, ao auscultar o sentir da multidão, vel-a indifferente perante as caliginosas sombras que escurecem o horisonte da nossa vida de nação autonoma. O desdem pelo dia de amanhã, a *insouciance* do futuro, constituiu-se em caracteristico essencial da consciencia lusa. De sorte que, extinto o amor da patria, é licito vacilar um pouco na traducção das festas que hoje se realisam, paiz em fóra, por iniciativa dos novos, dos que não têm vinte annos sequer.

Será simplesmente a força do habito adquirido, já recebido de gerações passadas, ou uma nevrose especial, doentia, extranha a qualquer impulso normal e raciocinado, a causal d'esta sympathica commemoração da nossa independencia?

Creio que não. E é consolador acreditar que a novissima camada vem para a vida com maior nobreza de intuitos, com maior pureza de coração do que aquellas que a precederam nos ultimos tempos, e que as demonstrações alegres d'este primeiro de dezembro são o principiar d'uma magnifica regressão atavica ás velhas epochas em que o nome portuguez era um symbolo perfeito de coragem, de honradez e de fidalguia.

JUAN DE MOLINA.



COMMEMORAÇÕES PATRIÓTICAS

QUANDO uma nacionalidade se contorce nos paroxismos da agonia, recordar uma data aureolada de sua historia implica esta interpretação: é um caminho de gloria que se aponta ao patriotismo, uma porta que se abre ao entusiasmo, um dever que se impõe á dignidade.

Commemoram-se actualmente os feitos heroicos como quem anhela, á luz d'uma esperança, que o ardôr de nossos antepassados se infiltre nos corações de hoje, trazendo-lhe, em caudaes de lava, a transformação da orchata que ora os anima n'esse sangue quente dos patriotas de outras eras.

Por isso eu trago todos os annos á manifestação do 1.º de Dezembro a minha completa e incondicional adhesão.

Braga, XCVII.

CAMPOS LIMA.



SALVE 1640!

PORTUGUEZES — saudai, saudemos todos, o dia 1.º de Dezembro de 1640. Dia memoravel em que raiou brilhante para Portugal a aurora benefica da liberdade. Portugal hoje é pequeno, ha-de ser rico; porque nas veias dos Mousinhos gira ainda puro o sangue dos heroes de 1640.

Viva Portugal.

Viva a Independencia.

Braga, 1897.

J. MARTINS GOMES.



PORTUGAL

Qs teus filhos de 1640 fizeram em mil pedaços as duras gargalheiras que te arroxavam os pulsos!

Soou a hora da Liberdade.

A independencia é tua.

Não mais morrerás.

Tiveste, então, filhos que te libertaram, hoje ainda tens netos d'esses heroes que te não deixam cahir.

Tens os Mousinhos e os Galhardos. O sangue é o mesmo.

E's nobre, has-de ser grande.

Salvé, pois, heroes portuguezes.

Salvé, dia 1.º de dezembro de 1640.

Para commemorar condignamente tão memoravel dia, devemos cantar, reverentes, hymnos de gloria ao Deus Senhor dos exercitos por nos vermos livres de tão duro e longo captiveiro, pois que a

«sublime bandeira castelhana
«foi derrubada aos pés da lusitana».

Incipite Domino in tympanis, cantate Domino in cymbalis, modulamini illi psalmum novum, exaltate, et invocate nomen ejus.

... Hymnum cantemus Domino; hymnum novum cantemus Deo nostro.

Vizella, 1897.

P.º B. L. CARVALHO.



AOS NOSSOS ILLUTRES COLLABORADORES

Agradecendo a fineza que nos prestaram os distinctos collaboradores d'este n.º commemorativo, pedimos desculpa de qualquer falta, que, por acaso, se disse.

A collocação das produções não obedeceu á ordem alphabetica nem ao valor litterario, mas, unicamente a conveniencia da paginação.